

O ERRO TRABALHADO NA PRÁTICA EDUCATIVA COMO VIRTUDE

Josefa Moreira Gonçalves¹

Maria Aparecida Alves de Almeida²

Izamara Braga de Abreu³

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que ao longo dos anos a forma de avaliar vem se modificando e que esta requer do educador muita responsabilidade e pensando na existência de professores que ainda resistem a ideia de se adequar as mudanças e a novas perspectivas de avaliação e que essa conduta faz parte de um apego ao ensino tradicionalista, em que a avaliação é conduzida de maneira classificatória e não contribui na aprendizagem do aluno trazemos à tona possíveis situações vivenciadas por discentes com relação a determinadas condutas do educador ao lidar com o erro presente em provas e testes. No decorrer do texto, discutimos como o “erro” escolar em sala de aula pode ser trabalhado na perspectiva de aprendizado, na medida, em que o professor concebe a avaliação como algo construtivo de maneira que esta não seja resumida apenas a notas, mas em conhecimento que favorece e fortalece o aluno na busca do aprendizado.

O presente artigo busca desenvolver reflexões acerca do trabalho relacionado a avaliação escolar em sala de aula, assentadas da questão do autoritarismo presente na conduta de determinados docentes, observando as diferenças existentes entre a avaliação classificatória e diagnóstica. Nosso objetivo se justifica no confrontar do erro com o acerto no espaço da sala de aula trazendo à tona sua presença constitutiva neste através de breve aprofundamento.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para o presente trabalho de caráter qualitativo, foi necessário grande aprofundamento na temática por nós proposta através fez-se de embasamento em teorias de Luckesi (1996) Perrenoud (1999) e Teixeira (2008) que também desenvolvem trabalhos sobre avaliação escolar, formação de professores e o espaço em si da sala de aula. Em seguida, com o intuito de colher dados realizamos uma entrevista com uma professora da rede pública, avaliado que nesta rede há maior número de alunos matriculados comparada a rede privada, para que pudéssemos compreender os desafios presentes no dia a dia dos professores em conduzir a aprendizagem de seus alunos na sala de aula, e nesta a professora admitiu usar como instrumento avaliativo a prova escrita, e acredita que é necessário o uso da mesma para o processo de construção do conhecimento dos alunos, pois segundo ela, essa ferramenta de avaliação está presente em vários momentos da vida do aluno, como por exemplo, no Exame

¹ Graduanda do curso de Pedagogia pela UFCG de cajazeiras. E-mail: josefamgenem@gmail.com

² Graduanda do curso de Pedagogia pela UFCG de cajazeiras: E-mail: aparecida2014.una@gmail.com

³ Graduanda do curso de Pedagogia pela UFCG de cajazeiras: E-mail: izamaraabreu4@gmail.com

Nacional do Ensino Médio (ENEM) e concursos públicos, tornando assim, a avaliação escolar ponto de partida deste estudo.

DESENVOLVIMENTO

A avaliação da aprendizagem atua como uma ferramenta de apoio na construção do conhecimento do aluno percebida como um diagnóstico de problemas e trabalha na resolução destes. Contudo, percebemos assim como Luckesi (2002, p.34) que “a atual prática da avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente.” E este modelo de avaliação classificatório é resquício de uma pedagogia tradicionalista, de predominância autoritária, cujo objetivo é enquadrar os alunos em padrões já definidos e nesse cenário o erro é tido como falha e não como oportunidade de auxílio na construção do conhecimento.

Quando se discute educação é sempre comum falar sobre autoritarismo, mesmo com toda evolução e mudança. Fato é que temos presente nas escolas da nossa sociedade educadores com condutas autoritárias correlacionadas ao processo de ensino tradicionalista e advindo disto o castigo surge como uma ferramenta de punir o aluno por um erro cometido em sala de aula podendo este se manifestar de forma física ou moral. Todas essas questões influenciam na formação do aluno, muitas vezes essa relação de medo entre professor e aluno acaba por reprimir o seu comportamento limitando assim o seu desempenho. A avaliação de forma punitiva provoca no aluno medo e um sentimento de culpa, construindo nele a ideia de que o único responsável pelo seu aprendizado na escola é ele mesmo, assim a avaliação para muitos pode ser uma experiência que emerge sentimentos como culpa, medo e raiva o que torna a escola um ambiente considerado perturbador e tudo isso faz com que o aluno perca o estímulo em continuar aprendendo mesmo que seja com seus erros.

A avaliação é tradicionalmente associada, na escola, à criação de hierarquias de excelência. Os alunos são comparados e depois classificados em virtude da norma de excelência, definida no absoluto ou encarnada pelo professor e pelos melhores alunos. (PERRENOUD, 1999, p.11).

A escola é um importante espaço na construção do ensino e aprendizagem dos educandos. Todavia, o trabalho desenvolvido neste espaço com os alunos cabe ao professor que pode conduzir o seu trabalho por uma vertente construtivista ou tradicionalista em que o professor é a figura que está afrente e o correto é apenas o que é constatado por ele, sem meios termos, e sem um olhar para outras possibilidades. Sendo uma figura radical autoritária o seu trabalho se atrelará ao conjunto que engloba o ensino tradicionalista. Assim sendo, o seu trabalho tende a se desenvolver sob a ótica de uma conduta tradicionalista que visa a classificação dos alunos em aptos e não aptos na medida em que estes são testados em classe e tidos como “bom” ou “ruim” mediante o seu desempenho, o que pode provocar sentimentos de medo, ansiedade, tensão etc. e fazer com que o ensino não seja prazeroso, mas sim algo “medonho” e “enfadonho”. Sobre esse proceder Luckesi nos diz o seguinte:

O clima de culpa, castigo e medo, que tem sido um dos elementos da configuração da prática docente, é um dos fatores que impedem a escola e a sala de aula de serem um ambiente de alegria, satisfação e vida feliz. Assim, as crianças e os jovens rapidamente se enfiam de tudo o que lá acontece e, mais que isso, temem o que acontece no âmbito da sala de aula. (LUCKESI, 1996, p. 135)

Nessa direção, é importante ser dito que o exemplo aqui trazido e a crítica estabelecida se diz respeito apenas a conduta de alguns professores e esta não se estende a todo o trabalho docente, uma vez que, somos seres individuais e que cada um tem a sua forma de agir e de conduzir as suas atividades. Entretanto, este trabalho também se constrói sob a perspectiva do erro escolar visto como virtude embasado em ideias postas por Luckesi.

Em relação a aprendizagem escolar o erro é, muitas vezes, visto como um nó na linha, haja vista quando um aluno apresenta dificuldades em compreender um determinado conteúdo, por exemplo, e o professor ao invés de solucionar aquela dificuldade por meio de uma outra estratégia de ensino que possibilite o conhecimento, este dá continuidade ao seu trabalho sem rever a sua metodologia de ensino, porque para ele o importante é cumprir a sua carga horária de trabalho dando os conteúdos em sala de aula, pouco importa a existência de alunos que não estão aprendendo, pois este entende que a responsabilidade do sucesso escolar do aluno pertence apenas ao mesmo e isso acarreta em um sentimento de culpa no educando pelo seu insucesso. Luckesi nos diz que: “A culpa gera uma limitação da vida e produz uma rigidez na conduta, o que, em última instância, gera um autocontrole sobre os sentimentos, os desejos e os modos de agir de cada um. [...]” e isso pode refletir futuramente em seu modo de ser, inclusive, fazer com que ele construa uma imagem de si oprimida em relação aos outros, tornando-o um sujeito inseguro e escravo do erro já que o erro na sua visão não é uma virtude do ser humano, pelo contrário, uma ação determinante ao fracasso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos dizer que, diariamente, direta ou indiretamente nós estamos sendo avaliados e também estamos avaliando pessoas, objetos, trabalhos etc. Porém, quando se trata de estar imerso em um sistema de ensino essa é ainda mais efetiva, pois, objetiva. Nesse sentido, e pensando na possibilidade de repensar a prática educativa no que se refere a responsabilidade decisiva colocada sobre instrumentos avaliativos do tipo: provas e testes, coube a nós refletir sobre o quanto o lado positivo e negativo destes influenciam na vida escolar do educando. A partir de algumas questões levantadas a respeito, dentre essas: como se relaciona a práxis do professor na sala de aula com a "obrigatoriedade" de avaliar? Quais os instrumentos utilizados? O que pensa o professor sobre a recuperação escolar de notas? Nos propomos a partir destas indagações investigar também o porquê da avaliação escolar evocar "prova" seria este o seu real significado?

Baseada em uma entrevista sobre tais apontamentos com uma professora, percebemos que a prática educativa sobre o considerado “erro” nas provas escolares não é refletida com o propósito de se auto avaliar ao avaliar e que o intuito é apenas atribuir notas e manter o status quo. Sabendo da importância que é o educador considerar os diversos fatores e a mundividência de cada aluno que podem condicionar e influenciar no desempenho deste se faz necessário enfatizar a lacuna de discussões sobre a necessidade de debates e aprofundamentos sobre o tal durante a formação. Pois, no espaço da sala de aula o olhar atento do professor para com o aluno também deve constar na sua avaliação, conhecer as dificuldades de cada para assim planejar e replanejar o seu trabalho é essencial.

É comum na escola, o discurso de que somos todos iguais ser escutado. Contudo, cada sujeito é singular, então, para que insistir nesta ideia de que somos todos iguais? Primeiramente, é necessário entender que igualdade é diferente de equidade e também que a escola é um espaço permeado por desigualdades sociais e conflitos sociais, deste modo, para que não se cometa injustiças, principalmente ao realizar as avaliações escolares, pois, é necessário que se tenha um olhar voltado para essa realidade para que quando houver insucessos por meio dos instrumentos

avaliativos haja também um esclarecimento com os alunos sobre o seu real papel que é: auxiliar na aprendizagem.

Portanto, e por meio do compromisso do educador é possível bons resultados em sala de aula serem alcançados, inclusive com a presença do “erro”, quem o comete não deve ser eliminado muito menos excluído mais sim conduzido ao acerto enaltecendo que os erros são o que fazem o caminho e que quando encontramos com ele significa que não estamos estagnados, mas sim, indo adiante e que se tentarmos algo específico uma, duas, três ou mais vezes e errarmos em todas elas não quer dizer que somos fracassados, nem mesmo se nas inúmeras tentativas o erro tiver acontecido de uma mesma forma porque em cada uma dessas tentativas há um aprendizado diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os instrumentos avaliativos escolares como provas e testes são muito utilizados no trabalho docente para avaliar os alunos e são excelentes ferramentas quando utilizado em conjunto com outras possibilidades de se avaliar. Fato é que instrumentos como provas e testes tradicionalmente conhecidos e utilizados podem ser determinantes no processo escolar do aluno, uma vez que, a estes são atribuídas notas através de tais instrumentos, o que pode resultar em fatores que determinam se o aluno vai ou não adiante no processo de seriação presente nas etapas da educação básica, e isso acarreta na ideia de que se avalia apenas para atribuir notas, e nesse contexto, a avaliação tende a ser vista de maneira temerosa pelos discentes, fazendo com que o real papel da avaliação que é: auxiliar o docente a tomar decisões e planejar o seu trabalho junto ao discente se perca. Nesse sentido, essa ideia existente de que a avaliação está relacionada apenas a notas tem fundamento, dado que, muitos professores em sala de aula constroem e reforçam esse pensamento quando criam uma dicotomia envolvendo o “acerto” e o “erro” presentes nas suas avaliações como se fossem configurados como “bom” e “ruim”, mediante, nota conquistada, persistindo na crença de o que importa é o acerto sem enfatizar que o erro é inerente ao ser humano e que se tratando de exames escolares sua existência é muito comum..

Nessa direção, consideramos que a avaliação devendo funcionar para diagnosticar o aprendizado adquire um valor quantitativo referente aos números, ou melhor dizendo, as notas, quando na verdade o cerne de sua construção é ligado ao caráter qualitativo. E defendendo a avaliação voltada para o diagnóstico consideramos que está deve ser uma oportunidade do aluno demonstrar as aprendizagens adquiridas, e tendo em vista que a avaliação persiste em todo o processo de ensino aprendizagem o ideal é que se trabalhem na perspectiva de esclarecer qual o seu real sentido, é importante também que ao conduzir o trabalho docente se tenham a consciência de que o “erro” pode ser trabalhado em sala de aula, de modo, que os acertos também se construam após o “erro” que passa a ter uma outra ressignificação.

Palavras-chave: Avaliação-escolar, Erro, Aluno.

REFERÊNCIAS

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos proposições/ Cipriano Carlos Luckesi.** – 3. ed. – São Paulo Cortez, 1996.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.



TEIXEIRA, Josele; NUNES, Liliane. **Avaliação escolar: da teoria à prática**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.